

CENÓGRAFOS ITALIANOS EM PORTUGAL(*)

A invenção da *perspectiva linear* ou *rigorosa*, por Leo Battista Alberti (1404-1473) e Piero della Francesca (1416-1492), e a descoberta da *perspectiva aérea*, por Leonardo da Vinci (1452-1519), tornaram a pintura capaz de dar a aparência dos objectos necessários às cenas teatrais, que até então só se conseguia pela reprodução em relêvo. Graças à pintura cenográfica, a grandiosidade das representações teatrais pôde tornar-se compatível com a rapidez das mutações; e tôdas as inovações que, em teatro, decorreram dessa criação maravilhosa do Renascimento italiano foram igualmente obra de italianos. Em Itália nasceu o tipo architectónico dos teatros que se construíram em todo o mundo durante três séculos; ali se formaram tôdas as grandes escolas de cenografia; e de lá irradiaram para tôdas as côrtes da Europa os mestres que decoraram as cenas dos teatros mais célebres e instruíram os artistas locais até quasi aos nossos dias.

As primeiras notícias da aplicação da pintura ao teatro

(*) N. d. R. — Com este interessante tema o prof. Dr. João Pereira Dias deu à estampa, no ano transacto, um volume («Cenários do Teatro de S. Carlos», in 4.º, 51 pgs. e L ests.) que constitui uma preciosa e original documentação da actividade desenvolvida em Lisboa, nos últimos dois séculos, pelos nossos artistas.

Vém inserto no volume, em apêndice, o catálogo dos cenários, uma cuidada bibliografia e muitas estampas reproduzindo cenários arquivados no Teatro. O escrito que publicamos é o resumo de uma aplaudidíssima conferência, realizada pelo nosso ilustre Amigo, em 21 de Maio de 1940, no nosso Instituto de Lisboa.

datam do comêço do século XVI; mas o período áureo da cenografia italiana surgiu no século immediato. Inaugurou-o a escola toscana, logo seguida da escola romana, cuja formação foi favorecida pela magnificência da côrte pontificia. Também muitas outras cidades de Itália puderam orgulhar-se de grandes mestres; mas, com o advento do século XVIII, a gloriosa dinastia dos Galli Bibiena fez de Bolonha a sede da escola de cenografia barrôca mais notável; e, quando nos fins dêsse século o público começou a enfadar-se da excessiva fantasia da pintura cenográfica então em voga, foi ainda a Itália que deu os grandes mestres das escolas neo-clássica e romântica. É certo que partiu de países estranhos o movimento de reacção que o século XX trouxe contra os excessos do naturalismo em teatro; mas a Itália esmera-se cada vez mais no emprêgo dos processos peculiares à cenotécnica moderna, para reconquistar a posição de domínio que ocupou durante quatro séculos.

A descrição que chegou até nós, de algumas representações aparatosas nos pátios e salas dos colégios de Lisboa, Coimbra e Évora, nos fins do século XVI e princípios do seguinte, leva a crer que se deve aos Jesuítas a introdução da pintura cenográfica em Portugal; mas temos de reconhecer que a perda da independência política e a crise da Restauração não permitiram aos portugueses admirar todo o esplendor da cenografia italiana antes do reinado de D. João V, quando florescia já a famosa escola bolonhesa dos Galli Bibiena. Consolidada em 1715 a paz de Utrecht, muitos artistas estrangeiros, quasi todos italianos, são chamados à côrte magnificente daquele rei, e muitos dos nossos são enviados a Itália para estudar com os melhores mestres; os espectáculos líricos e coreográficos começam a despertar vivo entusiasmo; erguem-se templos e palácios, cujos tectos são recobertos de decorações sumptuosas por pintores que, na sua maioria, compõem também os cenários para os teatros que vão abrindo; e os mais variados acontecimentos servem de pretexto para organizar cortejos e festas de grande aparato.

A partir daquele ano tornam-se, na verdade, frequentes os espectáculos líricos em teatros improvisados nas salas do antigo *Paço da Ribeira*; em 1735 aportou pela primeira vez em Lisboa uma companhia de ópera italiana — a qual ficou conhecida por Companhia das *Paquetas*, por dela fazerem parte duas cantoras de bom estilo, filhas de Alessandro Paghetti, o *Paquete*, que desde 1733 as trazia a cantar em serenatas organizadas em casas alugadas por êle ou nos paços reais e casas nobres de Lisboa —; e, entretanto, assistia-se à abertura de novos teatros, de entre os quais ficaram célebres o *Teatro Régio da Ópera do Tejo*, inaugurado em 1755, que o terramoto destruiu no mesmo ano, e o *Real Teatro de S. Carlos*, erigido em 1793, que chegou até nós. Alimentados pelo fervor apaixonado da côrte e pelo gosto do público, os espectáculos teatrais alcançaram, assim, esplendor tal, que só a catástrofe de 1755 e a agitação política dos primeiros decénios do século XIX o puderam obscurecer por breves períodos.

Nos dois séculos que precederam o actual, foi Portugal — como tôdas as outras nações — tributário da cenografia italiana: eram italianos todos os artistas plásticos que vieram de fora para trabalhar nos teatros portugueses, e eram discípulos de italianos quasi todos os artistas portugueses que decoraram os nosso palcos. À falta de um estudo metódico dessa preciosa e constante colaboração, o qual só se poderá fazer quando os arquivos de Portugal e Itália tiverem sido detidamente rebuscados, prepararam-se as seguintes notas biográficas e críticas, necessariamente incompletas e sujeitas a revisão, acêrca dos artistas italianos — cenógrafos, maquinistas e architectos teatraes — que foi possível assinalar.

VICENTE BACHERELLI, ou BACARELLI (1672-1745). — Êste notável pintor florentino chegou a Lisboa num dos primeiros anos do século XVIII. Depois de executar muitas encomendas de decoração de tectos, entre os quais o da portaria de S. Vicente, datado de 1710, regressou à sua pátria em 1717. Não há notícia de ter pintado nos teatros portugueses; mas, na

opinião de Cirilo Volkmar Machado e do Conde de Raczynski, deve-se-lhe atribuir a introdução da decoração perspectiva em Portugal.

FILIPPO JUVARA (1684-1735). — Antes de 1717, êste famoso architecto, pintor, cenógrafo e gravador de Messina, foi chamado a Portugal por indicação do Duque de Saboia. Não consta que tivesse trabalhado para os nossos teatros; a sua missão foi desenhar os planos dum Paço Patriarcal e do Palácio, Convento e Basílica de Mafra. Para a obra de Mafra foram encomendados também projectos ao architecto romano Antonio Canevari e ao architecto alemão, de ascendência italiana, João Frederico Ludovice; e o dêste último foi o preferido. Mas o rei D. João V recompensou generosamente Filippo Juvara, com o hábito de Cristo, a respectiva insígnia cravejada de brilhantes e uma pensão de 6.000 cruzados.

ANIBALINHO. — Ficou conhecido por êste nome um cantor e pintor italiano que trabalhou em Lisboa desde 1715 até 1750. Pintou cenários para as óperas cantadas nos palácios régios e no Teatro da Rua dos Condes; e ocupou-se também da decoração de igrejas.

ROBERTO CLERICI. — Êste cenógrafo intitulava-se discípulo de Ferdinando Galli Bibiena e pintor do Duque de Parma e Placencia. Veio a Portugal em 1735 para a Companhia das Paquetas e com ela trabalhou na Academia de Música da Trindade e no Teatro da Rua dos Condes. Em 1738 regressou a Parma, onde trabalhava ainda em 1748.

SALVATOR COLONELLI. — Êste pintor romano veio substituir Roberto Clerici na Companhia das Paquetas, para a qual pintou desde 1738 até 1741, no Teatro da Rua dos Condes.

GIOVANNI NICOLÒ SERVANDONI (1695-1766). — Êste notável cenógrafo florentino, mais conhecido como empresário de festas grandiosas, veio a Portugal em 1746. Forneceu desenhos para os espectáculos da côrte e organizou, por incumbência dos ingleses residentes em Lisboa, uma festa comemorativa da vitória do Duque de Cumberland, em Culloden. Seguiu para Paris, onde nos últimos dezóito anos da sua vida dirigiu a ópera

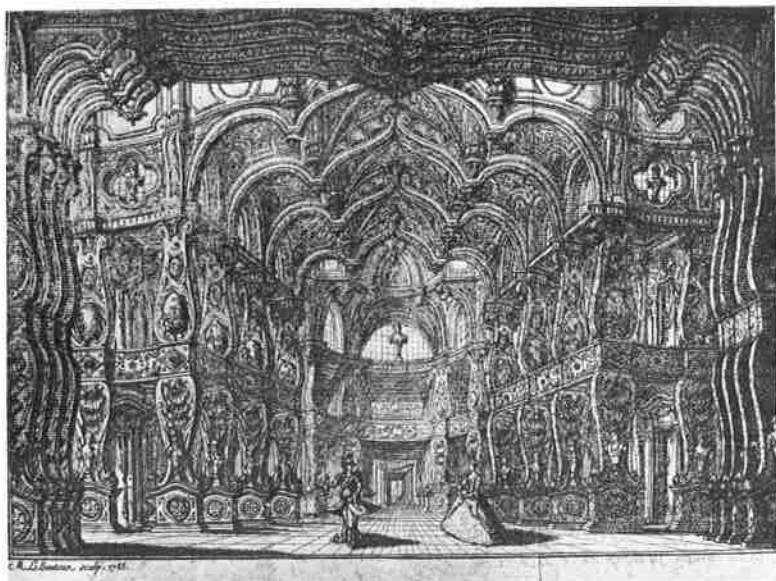
e preparou festas de grande aparato; e foi dêle, neste período, o projecto da fachada da Igreja de S. Sulpício.

GIOVANNI BERARDI. — Foi êste pintor e gravador italiano o colaborador escolhido por Giovanni Carlo Galli Bibiena para dirigir a decoração do Teatro Régio da Ópera do Tejo. Tendo chegado a Lisboa em 1753, um pouco antes de Bibiena, Berardi construiu entretanto um pequeno teatro na Casa da Índia, inaugurado nesse mesmo ano. Aberta em 1755 a Ópera do Tejo, pintou uma gruta; e, depois de regressar a Itália o cenógrafo Paolo, ficou a pintar paisagens. Foram abertas por êle algumas das gravuras que ilustram os luxuosos libretos das óperas que ali se cantaram (Fig. 1).

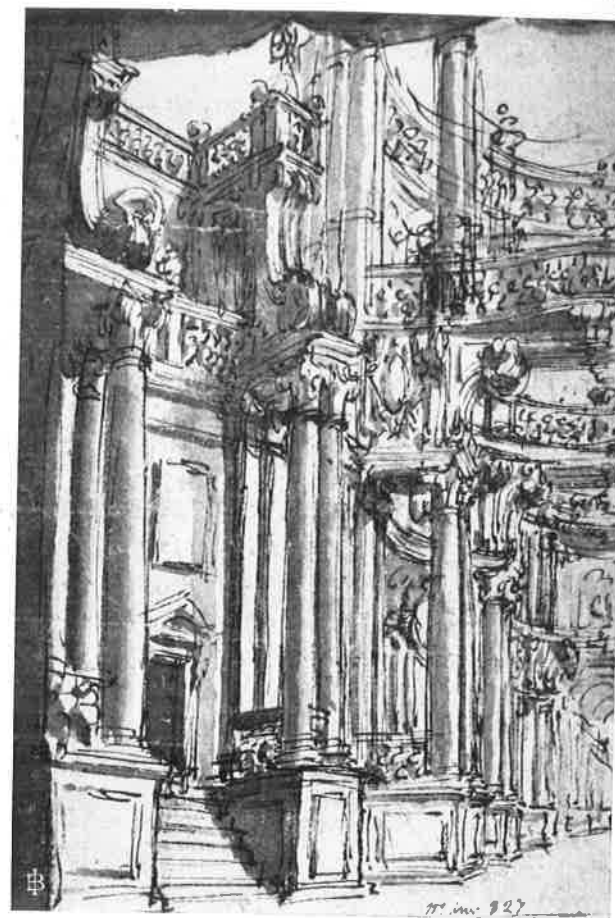
GIOVANNI CARLO SICINIO GALLI BIBIENA (ca. 1700-1760). — Encarregado pelo rei D. José, de fornecer o plano, vigiar a construção e dirigir o funcionamento do magestoso Teatro Régio da Ópera do Tejo, também conhecido por Teatro Régio do Paço da Ribeira, êste célebre architecto e pintor decorador bolonhês chegou a Lisboa em 1753, precedido de Giovanni Berardi e acompanhado do architecto Giacomo Azzolini, de um cenógrafo de nome Paolo, e de um decorador especializado na pintura a têmpera, chamado Marco. O novo teatro, inaugurado em 2 de Abril de 1755 e destruído pelo terramoto do dia 1 de Novembro do mesmo ano, excedia em grandeza e sumptuosidade os mais famosos da Europa; e os cenários, de que podemos formar juízo pelas gravuras que ilustram os libretos então publicados, causaram o deslumbramento dos espectadores (Fig. 2). Possui o Museu das Janelas Verdes uma valiosa colecção de esboços cenográficos da escola bolonhesa do século XVIII, que se podem atribuir também, com grande probabilidade de acertar, a Giovanni Carlo e a colaboradores ou discípulos seus (Fig. 3). Giovanni Carlo Bibiena, que se consorciara em 5 de Fevereiro de 1755 com uma portuguesa chamada Rosa Maria de Jesus, deixou-se ficar em Portugal depois do terramoto. Foi-lhe confiada, então, a direcção dos teatros régios; e é ainda dêste período um projecto seu para a Igreja da Memória, em Belém, o qual foi profundamente alterado na



GIOVANNI BERARDI — PAISAGEM
para *Alessandro nell'Indie*, de Davide Perez
(Gravura de Giovanni Berardi)



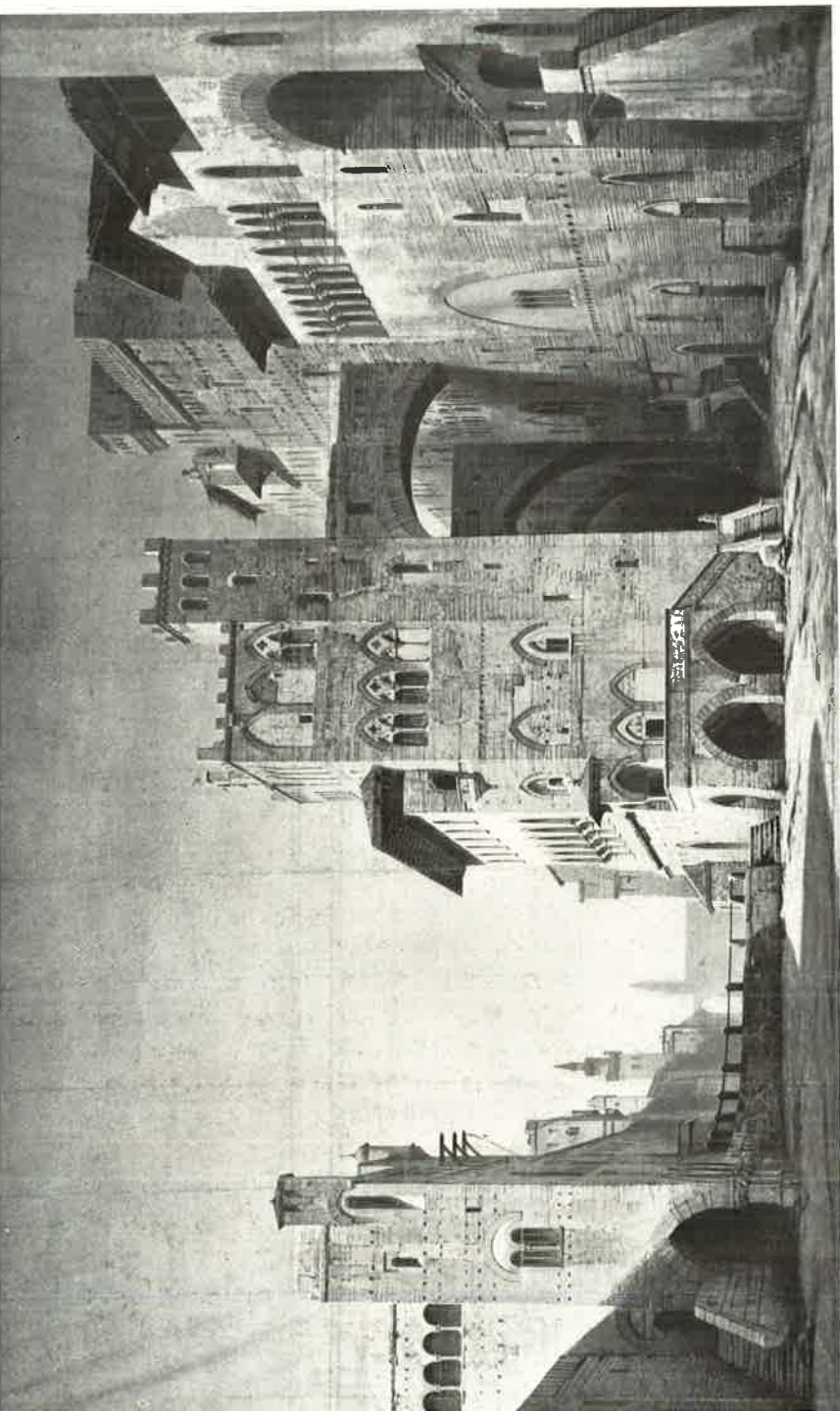
GIOVANNI CARLO GALLI BIBIENA — SALA RÉGIA
para *Alessandro nell'Indie*, de Davide Perez
(Gravura de M. le Bouteux)



AUTOR DESCONHECIDO — PÁTIO DE PALÁCIO
(Desenho à pena, aguarelado a sépia, pertencente
ao Museu das Janelas Verdes)



ACHILLE RAMBOIS & GIUSEPPE CINATTI — MONTANHAS



LUIGI MANINI — PRAÇA
para *L'Ebreca*, de Halévy

(Pano pertencente ao *Teatro Nacional de S. Carlos*)



LUIGI MANINI — MARINELLA



RETRATOS DE ACHILLE BAMBOIS E GIUSEPPE CINATTI
(Desenho de Manuel de Macedo, gravado em madeira por Caetano Alberto)



execução. Naturalizou-se português em 1760 e faleceu em 20 de Novembro o mesmo ano, na freguesia da Ajuda, onde foi sepultado.

PAOLO. — Um pintor italiano dêste nome, exímio na pintura de batalhas e paisagens, acompanhou Bibiena em 1753, mas pouco se demorou depois da abertura da Ópera do Tejo, em 1755.

GIACOMO AZZOLINI (1717-1791). — Veio êste architecto e pintor decorador para Portugal em 1753, convidado por Giovanni Carlo Bibiena para o ajudar no risco do Teatro Régio da Ópera do Tejo. Depois do terramoto foi para Coímbra e ali desenhou alguns aspectos dos edifícios que haviam sido lesados. Foi aproveitado nesta ocasião para dirigir o acabamento do sumptuoso edifício do Seminário. Em 1760 obteve do rei D. José a naturalização portuguesa. Regressou a Lisboa em 1766 para inventar e pintar cenários nos teatros régios; e nesta ocupação se manteve até morrer.

PETRONIO MAZZONI. — Êste architecto e maquinista teatral colaborou nas cenas do Teatro Régio da Ópera do Tejo, em 1755, como maquinista. Depois do terramoto exerceu ainda êste mister nos Teatros Régios da Ajuda, de Salvaterra e de Queluz, desde 1767 até 1776, pelo menos. Como architecto, desenhou, cêrca de 1765, o novo Teatro da Rua dos Condes. Naturalizou-se português em 1760.

ANTONIO STOPANI. — Trabalhou êste pintor bolonhês no Teatro do Bairro Alto desde 1762 até 1772, com uma curta interrupção no ano de 1767; passou em 1772 para o Teatro da Rua dos Condes, onde trabalhava ainda em 1774.

FRANCESCO MIGNOLA. — Em 1787, o empresário do Teatro da Rua dos Condes, Sebastião António da Cruz Sobral, depois de graves desinteligências com os cenógrafos portugueses, resolveu despedi-los e mandar vir artistas de Itália. O primeiro a chegar foi Francesco Mignola, que trabalhava ainda naquele teatro em 1791. O pintor português coevo, Cirilo Volkmar Machado, diz nas *Memórias* publicadas em 1823 que êste cenógrafo e outros chamados por Cruz Sobral «trazião a pasta bem fornecida de bons desenhos seus, ou alheios, mas a execução

era pessima, e tal como o fazião nos pobres Theatros da Italia, aonde se entra por 40 ou 50 réis». Faltam-nos, infelizmente, documentos para verificar se esta acusação é justa ou se antes devemos atribuí-la a despeito pela chamada de artistas estrangeiros.

ANTONIO BAILA. — Êste cenógrafo milanês chegou a Portugal em 1787, chamado por Sebastião António da Cruz Sobral para trabalhar no Teatro da Rua dos Condes. Pintou também para o Real Teatro de S. Carlos nos dois primeiros anos do seu funcionamento, ou seja em 1793 e 1794. Na opinião de Cirilo «pintava bem as grutas, e fez huma boa cazinha».

TEODORO BIANCHI. — Depois de servir com Antonio Galli Bibiena, êste maquinista teatral habilíssimo, natural de Modena, foi chamado a Lisboa por Sebastião António da Cruz Sobral, em 1787, para trabalhar no Teatro da Rua dos Condes. De 1803 a 1807 exerceu a sua actividade no Real Teatro de S. Carlos.

VICENZO MAZZONESCHI (1749-1807). — Presume-se que êste architecto e pintor romano foi chamado em 1787 para o Teatro da Rua dos Condes, por Sebastião António da Cruz Sobral, mas não resta notícia de qualquer trabalho seu naquele teatro. Colaborou na pintura dos cenários para a ópera da estreia do Teatro de S. Carlos, em 1793; mas a sua actividade neste teatro só recommençou em 1795. No ano immediato seguiu para o Pôrto, encarregado de dar o risco e dirigir a construção do Teatro de S. João. Inaugurado êste em 13 de Maio de 1798, Mazzoneschi voltou ao Teatro de S. Carlos, onde continuou a pintar até 1806. Um ano depois morreu cego. Cirilo diz que êle «desenhava grandes pedaços de perspectiva, mas não sabia pintar». Os esboços que chegaram até nós denotam um sentido cenográfico deveras apreciável (Fig. 4).

LUIGI CHIARI. — Em 1795 appareceu no Pôrto, para colaborar na decoração da Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco. Há notícia de ter publicado em 1817 um opúsculo sobre as obras executadas no Real Teatro de S. Carlos; e de 1818 a 1820 foi um dos empresários do mesmo teatro. Elaborou os

projectos e dirigiu as obras do palácio de Caldas Aulette, em Lisboa, e do mausoléu da rainha D. Maria I, na Basílica da Estrêla. Como architecto teatral apresentou em 1836 um projecto para um Teatro Nacional, o qual não foi executado. Morreu cêrca de 1840.

RAFFAELLO TRAJANI. — Trabalhou êste cenógrafo italiano no Teatro de S. João, do Pôrto, nos anos de 1806 e 1807.

GIOVANNI CHIARI DE RUBEIS. — Êste cenógrafo italiano foi discípulo de Mazzoneschi e seu sucessor no Teatro de S. Carlos, em 1807. Fechado o Teatro em 1808, em consequência das guerras napoleónicas, Giovanni Chiari só voltou a trabalhar ali em 1812; e desde então, até 1817, ficou sendo o único cenógrafo de S. Carlos, ao mesmo tempo que trabalhava para o Teatro da Rua dos Condes, cujo empresário continuava a admitir apenas artistas italianos. (A existência de numerosos libretos, em que Giovanni Chiari de Rubeis figura como cenógrafo, permite distingui-lo do architecto e empresário Luigi Chiari.)

GIACOMO ARGENZIO. — Êste cenógrafo italiano trabalhava em 1814 no Teatro de S. João, do Rio de Janeiro.

ANGELO FERRI. — No ano de 1818 êste cenógrafo italiano passou fugazmente pelo Teatro de S. Carlos, onde colaborou na preparação das cenas para a ópera *Clotilda*.

DOMENICO ANTONIO SCHIOPETTA. — Um marceneiro italiano chamado Schiopetta morreu de um desastre no palco do Teatro do Salitre; seu filho Domenico Antonio ficou em Lisboa e aprendeu pintura de ornato e figura com Mazzoneschi e com o decorador português Felisberto António Botelho. Há notícias de cenários seus, para o Teatro de S. Carlos, nos anos de 1818 a 1822 e de 1826.

GIOVANNI RICARDI. — Êste cenógrafo italiano trabalhou no Teatro de S. Carlos desde 1818 até 1822 — no princípio, de colaboração com Ferri, a seguir, com Schiopetta, e depois, só.

VICENZO GAMBELLI. — Foi maquinista do Real Teatro de S. Carlos em 1820 e 1821.

TEODORO ALBINOLA. — Em 1823, êste cenógrafo trabalhou

no Teatro de S. Carlos; dois anos depois encontrava-se no Teatro de S. João, do Pôrto.

GIOVANNI BOUCHER. — Foi escriturado em 1834, pelo empresário Antonio Lodi, para dirigir a pintura no Teatro de S. Carlos, mas regressou nesse mesmo ano a Itália, onde trabalhava ainda em 1840.

ACHILLE RAMBOIS (ca. 1810-1880). — Natural de Milão, estudou na Academia Cenográfica desta cidade sob a direcção do célebre cenógrafo Alessandro Sanquirico. Depois de dar provas no Teatro alla Scala, foi contratado em 1834 pelo empresário Antonio Lodi, para ajudar Giovanni Boucher no Teatro de S. Carlos. Tendo êste regressado a Itália no mesmo ano, Rambois passou a ter os seguintes colaboradores: Alessandro Merli, em 1835; Cantoni, em 1836 e 1837; Enrico Palucci, em 1838; e Giuseppe Cinatti, desde 1836 até êste último morrer, em 1879. Graças à colaboração de Rambois, exímio em arquitectura, e Cinatti, insigne paisagista, a cenografia do Teatro de S. Carlos obteve um esplendor que rivalizava com o dos mais famosos teatros da Europa (Fig. 5). Os dois artistas pintaram também para o Teatro de D. Maria II e para o Teatro das Laranjeiras, pertencente ao Conde de Farrôbo; e influíram poderosamente no meio artístico português pelos projectos de numerosos palacetes e sua decoração mural, pelas obras de restauro de monumentos e pelo embelezamento de jardins. Depois da perda do companheiro de 43 anos, Rambois deixou de trabalhar; e, descoroçoado pelo desinteresse que o Governo Português mostrou por uma proposta sua para a criação, em Lisboa, de uma escola de pintura cenográfica, legou os seus bens, que eram avultados, ao município de Milão, para subsidiar escolas.

FAETA. — Há notícia de, em 1835, um cenógrafo italiano dêste nome ter trabalhado, de colaboração com Achille Rambois, em cenários para o Teatro das Laranjeiras, do Conde de Farrôbo.

ALESSANDRO MERLI. — Apenas há notícia de ter colaborado, em 1835, com Rambois, na ópera *Assedio di Corinto* levada à cena no Teatro de S. Carlos.

CANTONI. — Trabalhou no Teatro de S. Carlos, em 1836 e 1837, com Rambois e Cinatti.

GIUSEPPE CINATTI (1808-1879). — Nasceu em Sienna e aprendeu pintura com seu pai, em Milão. Por motivos políticos abandonou a Itália muito novo; e trabalhava na cidade francesa de Lião quando, em 1836, foi escriturado pelo Conde de Farrôbo, então empresário do Teatro de S. Carlos, para colaborar com Achille Rambois (Fig. 8). Um monumento erigido à sua memória na cidade de Évora consagra o mérito por êle revelado nas obras que ali dirigiu. A acção notável resultante da colaboração com Rambois, foi já posta em relêvo nas notas escritas a propósito dêste último. Cinatti deixou em Portugal descendência.

ENRICO PALUCCI. — Colaborou com Rambois e Cinatti no Teatro de S. Carlos, para o qual foi escriturado durante o ano de 1838. Passou, terminado êste contrato, para o Teatro de S. João, do Pôrto.

GIUSEPPE CONTINI. — Só há notícia de ter pintado os cenários para o bailado *Saltarello* que o célebre bailarino Arthur Saint-Léon apresentou em 1854 ao público de S. Carlos.

ERCOLE LAMBERTINI. — Em 1836, ainda de tenra idade, veio para Portugal, na companhia de seu pai, fabricante de pianos. Fêz a sua aprendizagem de cenógrafo com Rambois e Cinatti e trabalhou em Lisboa e Pôrto durante a segunda metade do século XIX. Durante muito tempo esteve associado com o grande cenógrafo português Procópio Ribeiro, e mais tarde com Eduardo Machado, outro cenógrafo português de grande mérito. Lambertini alcançou extraordinária nomeada como paisagista, nos trabalhos realizados para o Teatro da Trindade, no período em que colaborou com Procópio.

LUIGI MANINI (ca. 1850-ca. 1910). — Nasceu em Crema e cursou na vizinha cidade de Milão a Academia de Brera, onde teve por mestre o notável cenógrafo Carlo Ferrario. Luigi Manini sucedeu a Rambois e Cinatti no Teatro de S. Carlos, em 1879. De princípio não agradou; mas não tardou a ser admirado pela sua técnica pictural, caracterizada por um desenho

seguro e um colorido vibrante. Nas cenas de interior, nem sempre a composição é feliz; mas as paisagens e arquiteturas eram verdadeiras obras-primas da cenografia naturalista própria do seu tempo (Figs. 6 e 7). Nos Teatros de S. Carlos e de D. Maria II guardam-se ainda muitas dezenas de panos seus; mas muitos outros teatros de Lisboa e da província puderam orgulhar-se de apresentar obras saídas da sua oficina. Há na posse de alguns coleccionadores esboços cenográficos dêste autor, nas quais se admiram as suas qualidades de aquarelista exímio. Manini aplicou parte importante da sua actividade artística em decorações murais e no risco de palacetes, cuja estrutura e ornamentação pecavam sempre pela concepção acentuadamente cenográfica. À volta de 1910, Manini (Fig. 9) regressou à terra natal, onde morreu pouco depois.

SAMARANI. — Pouco depois de Manini timar conta dos trabalhos cenográficos do Teatro de S. Carlos, veio êste outro pintor italiano colaborar com êle. Samarani trabalhou ali em 1881 e 1882; a seguir passou para outros teatros e, durante mais de vinte anos, gozou de grande reputação, graças à perfeição do desenho e da composição.

Filhos de italianos, mas nascidos em Portugal, devem citar-se: MANUEL PIOLTI, discípulo de Azzolini e seu sucessor nos teatros régios em 1791; outro discípulo de Azzolini, JOSÉ CARLOS BINHETTI, que pintou para o Teatro de S. Carlos, de 1797 a 1799, e que publicou em 1787 uma tradução portuguesa das *Regras das cinco ordens de architectura*, de Vignola, com um aditamento sobre a *perspectiva das vistas de theatro de nova invenção*, de Ferdinando Galli Bibiena; e FORTUNATO LODI, filho dum empresário do Teatro de S. Carlos, o qual foi autor do risco para o Teatro de D. Maria II, inaugurado em 1846.

Lambertini, Manini e Samarani foram os últimos cenógrafos italianos que se fixaram em Portugal. No final do século XIX, a facilidade dos transportes fêz generalizar o uso de cenários de papel, comprados ou alugados a baixo preço; e, de entre

os chefes das oficinas italianas a que os teatros portugueses recorreram nesta fase de decadência da cenografia, pudemos apurar, até 1925, ODOARDO ANTONIO RÓVESCALL, ACHILLE AMATO, COSTANTINO MAGNI, E. BERTINI, A. PRESSI, SALVATORI STEFFANI, RENATO TESTI, VICENZO PIGNATARO e UGO GHEDUZZI.

Com estes nomes acabou de se extinguir o clarão que durante dois séculos a arte italiana projectou sobre a cena portuguesa. Mas justo é reconhecer o esforço admirável que a Revolução Fascista vem exercendo para restituir ao teatro italiano todo o seu esplendor. Os *Carros de Téspis*, que percorrem a Itália desde 1929; as deslumbrantes representações ao ar livre, de que se destacam as inolvidáveis festas de Siracusa e do *Maio Florentino*; o *Teatro dos Vinte Mil* que, depois das experiências nas Termas de Caracala e no Castel Sforzesco, se estende a meia centena de localidades; e, finalmente, a instituição do *Sábado Teatral*, para educação e recreio das massas operárias, são outras tantas obras pelas quais a Itália Nova se mostra digna sucessora da Itália que os portugueses nossos antepassados tanto admiraram.

PROF. DR. JOAO PEREIRA DIAS
Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra
e Comissário do Governo junto dos Teatros Nacionais
de S. Carlos e de D. Maria II